

**Patrick Dendale**  
Universiteit Antwerpen

**Oswald Ducrot**  
École des Hautes Études en  
Sciences Sociales – EHESS

**Lauro Gomes**  
Universidade de Passo Fundo –  
UPF

**Kohel Kida**  
Keio University

**Cristiane Dall' Cortivo Lebler**  
Universidade Federal de Santa  
Catarina – UFSC

**Alfredo Lescano**  
Université de Toulouse  
École des Hautes Études en  
Sciences Sociales – EHESS

**Julio Cesar Machado**  
Universidade do Estado de Minas  
Gerais – UEMG

**Maria Helena de Moura Neves**  
Universidade Presbiteriana Mack-  
enzie – UPM  
Universidade Estadual Paulista –  
UNESP

**Maria Marta García Negróni**  
Universidad de San Andrés,  
Argentina

**Jocnilson Ribeiro**  
Universidade Federal de Sergipe –  
UFS

**Samuel Ponsoni**  
Universidade do Estado de Minas  
Gerais – UEMG

**Melva M. Tebaldi**  
Centro Universitário Ritter dos  
Reis – UNIRITTER

**Carlos Vogt**  
Universidade Estadual de Campi-  
nas – UNICAMP

O tema central da teoria argumentativa é que o sentido de um enunciado contém uma alusão à sua eventual continuação: é essencial para ele convocar tal ou qual tipo de continuação, de pretender orientar o discurso posterior nessa ou naquela direção. Se ele é argumentativo, não é apenas porque ele fala sobre o mundo, mas porque é, se nós o considerarmos em si mesmo. Certamente, não saberíamos prever o que efetivamente vai se seguir a ele: pode ser o silêncio, ou uma certa recusa, ou um soco. Mas há uma continuação "pretendida", aquela que ele dá como sua razão de ser, e isso está tanto nele como fora dele.

Oswald Ducrot



Organização e Direção Geral:  
Louise Behe  
Marion Carel  
Corentin Denuc  
Julio Cesar Machado

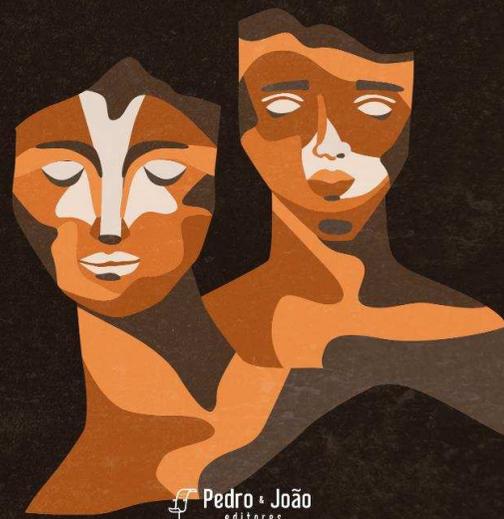
CURSO DE SEMÂNTICA  
ARGUMENTATIVA



Organização e Direção Geral:

Louise Behe  
Marion Carel  
Corentin Denuc  
Julio Cesar Machado

# CURSO DE SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA



**Tânia Maris de Azevedo**  
Universidade de Caxias do Sul –  
UCS

**Lecl Borges Barbisan**  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul – PUCRS

**Louise Behe**  
École des Hautes Études en  
Sciences Sociales – EHESS

**Marion Carel**  
École des Hautes Études en  
Sciences Sociales – EHESS

**Ana Lúcia Tinoco Cabral**  
Universidade de São Paulo –  
USP-Proletras;  
Instituto Paulista – IP  
Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo – PUCSP

**Zoé Camus**  
Université de Toulon

**Giorgio Christopoulos**  
École des Hautes Études en  
Sciences Sociales – EHESS

**Marta Tordesillas Colado**  
Universidad Autónoma de Madrid  
– UAM

**Danielle Coltier**  
Université du Maine

**Carmem Luci da Costa**  
Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul – UFRGS

**Corentin Denuc**  
École des Hautes Études en  
Sciences Sociales – EHESS

**Claudio Primo Delaney**  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul – PUCRS

**Luiz Francisco Dias**  
Universidade Federal de Minas  
Gerais – UFMG

# **CURSO DE SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA**

**Grupo de Investigações Semânticas e Discursivas - GISD/CNPq  
Grupo de Estudos do Discurso e História das ideias sobre línguas e estrangeiridade -  
imaGine/CNPq**

**Grupo de Estudos da Enunciação - ENUNCIAR/CNPq  
Grupo de Pesquisa - Gramática de usos do português - CNPq  
Grupo de Pesquisa - Linguagem, Semântica e Educação / CNPq  
Grupo de Pesquisa Texto, Escrita e Leitura - PUC SP / CNPq**



# **CURSO DE SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA**

**ORGANIZAÇÃO E DIREÇÃO GERAL**

**LOUISE BEHE  
MARION CAREL  
CORENTIN DENUÇ  
JULIO CESAR MACHADO**

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Louise Behe; Marion Carel; Corentin Denuc; Julio Cesar Machado [Orgs.]**

**Curso de semântica argumentativa.** São Carlos : Pedro & João Editores, 2021.  
515p. 16 x 23 cm.

**ISBN : 978-65-5869-425-0 [Impresso]**  
**978-65-5869-424-3 [Digital]**

**DOI: 10.51795/9786558694243**

1.Semântica argumentativa. 2. Curso. 3. Linguística . I. Título.

CDD – 410

---

**Capa :** Petricor Design

**Diagramação :** Diany Akiko Lee

**Editores :** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores :**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**  
www.pedroejoaoeditores.com.br  
13568-878 – São Carlos – SP  
2021

**Divisão e organização dos capítulos**

Marion Carel  
Julio Cesar Machado

**Supervisão da revisão técnica**

Julio Cesar Machado

**Revisão técnica**

Louise Behe  
Marion Carel  
Corentin Denuc  
Luiz Francisco Dias  
Alfredo Lescano  
Julio Cesar Machado  
Samuel Ponsoni  
**Jocnilson Ribeiro**

**Gravação das Aulas de Oswald Ducrot**

Takako Okada

**Transcrição das Aulas de Oswald Ducrot:**

Diego Brousset

## **EQUIPE DE TRADUTORES PARA A LÍNGUA PORTUGUESA**

### **Coordenação da equipe de tradução:**

Julio Cesar Machado

### **Equipe de tradutores: francês – português**

Tânia Maris de Azevedo

Ana Lúcia Tinoco Cabral

Claudio Primo Delanoy

Luiz Francisco Dias

Lauro Gomes

Cristiane Dall' Cortivo Lebler

Julio Cesar Machado

Samuel Ponsoni

**Jocnilson Ribeiro**

Cristina Rörig

Daniel Costa da Silva

Neiva M. Tebaldi

Carlos Vogt

### **Equipe de tradutores: espanhol – português**

Tânia Maris de Azevedo

**Jocnilson Ribeiro**

### **Equipe de Revisão técnica da tradução**

Tânia Maris de Azevedo

Claudio Primo Delanoy

Lauro Gomes

Cristiane Dall' Cortivo Lebler

Julio Cesar Machado

Samuel Ponsoni

**Jocnilson Ribeiro**

Neiva M. Tebaldi

### **Tradução das Aulas de Oswald Ducrot**

Julio Cesar Machado

Carlos Vogt

## Apresentação da edição em língua portuguesa

É com enlevo que apresentamos o **Curso de Semântica Argumentativa** à comunidade lusófona, aos leitores do português europeu e aos leitores do português brasileiro.

No que tange à construção da obra no original francês, o *Cours* é fruto de dois anos e meio de trabalhos em sete países distintos – Brasil, Argentina, Bélgica, França, Japão, Espanha e Itália. De caráter fortemente internacional, a obra é marco raro de magnitude singular, porque ilustra minimamente três relevâncias: uma relevância *político-científica*, ao unir pesquisadores distantes e distintos que trabalham a Semântica Argumentativa, às suas maneiras; uma relevância *didática*, por se significar enquanto instrumento basal para aulas sobre Linguística, Semântica, Pragmática, Enunciação, Semântica Argumentativa, Análise de Discurso e correlatas, ao redor do mundo; e uma relevância *histórica*, pelo valor epistemológico que a obra condensa, ao atualizar uma área de estudos que se iniciou no final dos anos sessenta – a semântica argumentativa – e que, atualmente, é trabalhada na maior parte do mundo. O teor histórico da presente obra se dá na insistência em imbricar momentos anteriores e atuais, sempre pela perspectiva de autores de alta envergadura na matéria, muitos deles de papel determinante no desenvolvimento da Semântica Argumentativa.

Já no que tange à tradução da obra, para a língua portuguesa, o *Curso* é resultado de intenso esmero de uma equipe de tradução com notório preparo técnico e linguístico, versada tanto no conhecimento avançado da teoria em tela, quanto no histórico e evolução do acervo da referida teoria, a Semântica Argumentativa. E por se tratar de uma tradução, algumas palavras sobre esse processo são aqui pertinentes.

Para além de um método de tradução que converte estabilidades convencionais entre si, foi critério indesejável para a tradução desta obra debruçar-se sobre o exercício hercúleo de (tentar) preservar os fenômenos linguísticos/enunciativos em discussão, que outrora descritos e narrados por uma deontologia francesa (e não apenas a língua francesa), agora, tornaram-se descritos e narrados por uma deontologia brasileira (e não apenas a língua portuguesa). Afinal, a

tradução é também uma descrição da enunciação. Portanto, o cuidado-base foi preservar o que é próprio da enunciação, ao traduzir.

Além deste primeiro critério-base, o cuidado com o que é próprio da enunciação, ao traduzir, os tradutores ocuparam-se, detidamente, com o cuidado com o que é próprio da língua francesa, ao traduzir. A equipe, então, dedicou-se em zelar pelo conhecimento próprio da língua francesa, que neste volume de tradução, tornou-se um conhecimento técnico-teórico operado em francês, mas lido em português. Tratou-se de um critério de preservação epistemológico-linguística: empenhamos em preservar tanto o conteúdo (a epistemologia, objeto das aulas) quanto a língua que operava tal conteúdo (o francês, a língua das aulas), apresentando-os, agora, pelo crivo do português brasileiro.

Mesmo diante do desafio que é toda tradução, os resultados finais atenderam às expectativas mais exigentes de nossa equipe. Resta recomendar, como de praxe, tanto para as lentes mais rigorosas como para aquelas que se arvoram nas minúcias profundas dos fenômenos, que as devidas leituras da presente versão portuguesa se realizem em parceria com a leitura do original francês. Sobretudo no que tange aos exemplos, enunciados rebeldes que desafiam todo método de tradução, por jogarem com exclusividades linguísticas da língua de origem, já que toda língua traz, em seu bojo, espessuras nem sempre traduzíveis, como particularidades culturais, semânticas e doxais de certa coletividade linguística, de um grupo, ou um povo. Especificidade essa que, nesta versão portuguesa, torna-se um esforço de tradução de um complexo linguístico-cultural e semântico de sete países distintos, enunciados pelo escrutínio do português brasileiro.

Disponibilizando tal riqueza política, histórica e didática ao estimado leitor, aqui apresentada pela tradução em língua portuguesa, reiteramos votos de profícuos trabalhos e pesquisas, ao redor do mundo.

*Inverno de 2021, segundo ano da pandemia do Coronavírus.*

*Julio Cesar Machado  
Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG-Brasil*

# CURSO DE SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

## PARTE 1: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

	<b>Prefácio: A Semântica Argumentativa - Marion Carel</b>	15
<b>Aula I</b>	<i>Horizontes da significação</i> <b>Luiz Francisco Dias</b>	25
<b>Aula II</b>	<i>Terminologia geral da Semântica Argumentativa</i> <b>Oswald Ducrot</b>	45
<b>Aula III</b>	<i>Sentido, significação e referência</i> <b>Oswald Ducrot</b>	55
<b>Aula IV</b>	<i>Análise da palavra « porta »</i> <b>Oswald Ducrot</b>	61
<b>Aula V</b>	<i>Como classificar os discursos?</i> <b>Oswald Ducrot</b>	69
<b>Aula VI</b>	<i>A delocutividade</i> <b>Oswald Ducrot</b>	77

## PARTE 2: A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS (TBS)

<b>Aula VII</b>	<i>Os conceitos de aspecto (normativo e transgressivo), e de argumentação (interna e externa)</i> <b>Lauro Gomes, Cristiane Dall' Cortivo Lebler</b>	89
<b>Aula VIII</b>	<i>As relações entre aspectos argumentativos: os conceitos de conversão, reciprocidade e transposição</i> <b>Claudio Primo Delanoy</b>	105
<b>Aula IX</b>	<i>A estrutura do texto e os elementos de coesão textual</i> <b>Giorgio Christopulos</b>	115

**Aula X** Os conceitos de empregos constitutivos, empregos caracterizantes, empregos singularisantes, e a noção de decalagem 123  
**Giorgio Christopulos**

**Aula XI** Os quase-blocos 129  
**Marion Carel**

**Aula XII** O paradoxo 139  
**Kohei Kida**

### **PARTE 3: A PRESSUPOSIÇÃO**

**Aula XIII** A pressuposição na ADL 153  
**Ana Lúcia Tinoco Cabral**

**Aula XIV** A pressuposição na TBS 169  
**Marion Carel**

### **PARTE 4 : A CONJUNÇÃO MAS**

**Aula XV** A conjunção mas discutida segundo a visão dos contextos de uso 183  
**Maria Helena de Moura Neves**

**Aula XVI** O “mas” segundo Ducrot versus o “mas” segundo Carel: uma comparação crítico-teórica 215  
**Julio Cesar Machado**

### **PARTIE 5 : A GRADUALIDADE**

**Aula XVII** O modificador desrealizante, o modificador realizante, o modificador surrealizante e o internalizador 237  
**María Marta García Negroni**

**Aula XVIII** Gradualidade, uma constante na Semântica Argumentativa 251  
**Tânia Maris de Azevedo**

<b>Aula XIX</b>	<i>Gradualidade e mudança de sentido</i> <b>Louise Behe</b>	263
-----------------	--	-----

#### **PARTE 6 : A ENUNCIÇÃO**

<b>Aula XX</b>	<i>Dictum e Modus : debates históricos, novas relações e análises da subjetividade na língua</i> <b>Marta Tordesillas</b>	273
----------------	--	-----

<b>Aula XXI</b>	<i>Polifonia de acordo com Ducrot</i> <b>Patrick Dendale, Danielle Coltier</b>	315
-----------------	---	-----

<b>Aula XXII</b>	<i>O antigo conceito de enunciador</i> <b>María Marta García Negroni</b>	341
------------------	---	-----

<b>Aula XXIII</b>	<i>A enunciação linguística: funções textuais, modos enunciativos e argumentações enunciativas</i> <b>Marion Carel</b>	353
-------------------	---	-----

#### **PARTE 7 : PARA ALÉM DA SEMÂNTICA LINGUÍSTICA**

<b>Aula XXIV</b>	<i>A linguagem gestual e a gestualidade da linguagem</i> <b>Carlos Vogt</b>	379
------------------	--	-----

<b>Aula XXV</b>	<i>Leitura (alfabetização e letramento): breves reflexões baseadas em conceitos da Semântica Argumentativa</i> <b>Neiva M. Tebaldi Gomes</b>	393
-----------------	---	-----

<b>Aula XXVI</b>	<i>Semântica Argumentativa e conflitualidade política: o conceito de programa</i> <b>Zoé Camus, Alfredo Lescano</b>	403
------------------	--	-----

<b>Aula XXVII</b>	<i>A ação dizendo e a atribuição</i> <b>Corentin Denuc</b>	417
-------------------	---	-----

**PARTE 8: LIMITES TEÓRICOS: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE OUTROS  
AUTORES E A SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA**

<b>Aula XXVIII</b>	<i>A presença de Saussure na Teoria da Argumentação na Língua</i> <b>Leci Borges Barbisan</b>	429
<b>Aula XXIX</b>	<i>O problema do énoncé, em Foucault e Ducrot</i> <b>Julio Cesar Machado, Jocenilson Ribeiro</b>	437
<b>Aula XXX</b>	<i>A Semântica Argumentativa e suas relações com a Teoria da Linguagem de Émile Benveniste</i> <b>Carmem Luci da Costa Silva</b>	465
<b>Aula XXXI</b>	<i>A teoria dos atos de linguagem e a Semântica Argumentativa</i> <b>María Marta García Negroni</b>	489
<b>Aula XXXII</b>	<i>Ducrot e Maingueneau : aproximações e distanciamentos</i> <b>Samuel Ponsoni</b>	501

# Aula XVII

## O modificador desrealizante, o modificador realizante, o modificador sobrerealizante e o internalizador<sup>1</sup>

María Marta García Negroni

Universidad de San Andrés

Universidad de Buenos Aires

CONICET, UBA, Argentina

### 1. Introdução

Uma das hipóteses centrais da Teoria da Argumentação na Língua (Anscombe; Ducrot, 1983) e, em particular, da teoria dos *topoi* (Anscombe, 1995; Ducrot, 1995) é que as palavras léxicas (por exemplo, os verbos e os nomes) têm uma gradualidade intrínseca, inerente. Com efeito, na medida em que as palavras são definidas como “grupos de *topoi*” e que estes podem ser aplicados com maior ou menor força argumentativa, “as palavras têm, de acordo com sua semântica própria, graus de aplicabilidade diferentes” (Ducrot, 1995, p.1). Isso não queria dizer apenas que podemos associar às palavras determinações suscetíveis a graus que, a partir daí, lhes agregam um aspecto gradual vindo de fora, mas também, sobretudo, que a sua própria significação comporta um certo tipo de gradualidade. Para justificar esta ideia, desde um ponto de vista linguístico, Ducrot (1995) estudou o comportamento de certos modificadores (adjetivos ou advérbios) que podem ser aplicados aos predicados da língua (verbos ou substantivo) e cuja presença aumenta ou diminui a força com a qual são aplicados, a propósito de um objeto ou de uma situação, os *topoi* constituem a significação das unidades lexicais. Ducrot denomina *desrealizantes* os modificadores que diminuem ou destroem essa força, e *realizantes* aqueles que a aumentam ou a alargam. Mais tarde, com o abandono do conceito de *topos*, entendido como esquema de duas escalas, a Teoria dos Blocos Semânticos (Carel, 2002, 2011; Carel e

---

<sup>1</sup> Tradução: Jocenilson Ribeiro e Julio Cesar Machado.

Ducrot, 2005) reinterpretará a noção de modificador e introduzirá o conceito de *internalizador*. A seguir, detalharemos cada um desses diferentes conceitos.

## 2. A teoria dos modificadores desrealizantes e realizantes

No quadro da teoria dos *topoi*, Ducrot (1995) distingue dois tipos de modificadores que, aplicados às unidades lexicais, permitem dar conta de sua gradualidade intrínseca. Estes modificadores são aqueles que Ducrot denomina “modificadores desrealizantes” (doravante MD) e “modificadores realizantes” (doravante MR). A seguir, apresentaremos as definições que propõe o autor:

Uma palavra léxica Y é denominada MD em relação com um certo predicado X se e somente se o sintagma XY:

- a. não for percebido como contraditório;
- b. tem uma orientação argumentativa inversa ou uma força argumentativa inferior àquelas de X.

Se XY tiver uma força argumentativa superior à de X, e de mesma orientação, Y é um MR (Ducrot, 1995, p. 2).

A partir das definições que precedem, segue-se que duas formas de desrealização são possíveis: os MD em relação a um certo predicado (por exemplo, *lento* na relação com *melhora*, em (1) e (2), abaixo) podem ser inversores ou atenuadores. Os critérios sintáticos permitem prever o papel do MD: o adjetivo será inversor (i.e., ele tornará inversa a orientação argumentativa do predicado) se ele funciona como atributo (cf. (1)); ele será atenuador (i.e., ele atenuará a força argumentativa do predicado sobre o qual ele é aplicado) se do ponto de vista sintático ele funciona como epíteto (cf. (2)):

1. *A melhora da situação é lenta.*
2. *Houve uma lenta melhora da situação.*

Se o MD *lento* é atributo, a conclusão que podemos tirar do enunciado que o contém é inversa àquela que tiraríamos da existência de uma melhoria, isso se admitirmos, como o fazíamos na época da teoria dos *topoi*, o *topos* segundo o qual a melhora de algo é um fator favorável e nos deixa mais tranquilos. Uma conclusão do tipo *eu me sinto*

tranquilo seria impossível após o argumento *a melhora da situação é lenta*, mas poderia ser introduzida por um *mas* que, precisamente, tem por função juntar dois segmentos anti-orientados:

3. *A melhora da situação é lenta. Estou preocupado.*

4. *A melhora da situação é lenta, mas eu me sinto tranquilo.*

Por outro lado, enquanto o MD *lento* é epíteto, ele não inverte a orientação de *melhora*, mas enfraquece sua força argumentativa. Uma conclusão como *isso me tranquiliza* é compreendida sem dificuldades, e com o mesmo *topos*.

5. *Houve uma lenta melhora da situação. Isso me tranquiliza.*

Essa caracterização dos MD permitiu proporcionar uma descrição positiva daquilo que os morfemas *pouco* e *um pouco* (fr. *peu*, *un peu*) têm em comum. Até esse momento, esses dois morfemas haviam sido descritos como operadores que exploravam duas formas típicas conversas. Mas essa descrição, ao insistir sobre o que os colocava em oposição, não permitia dar conta daquilo que eles tinham em comum. A teoria dos MD veio claramente preencher essa lacuna ao descrever um e outro, desta vez, de maneira positiva, como modificadores desrealizantes. Em tais casos, *pouco* e *um pouco* diminuem a aplicabilidade do predicado que modificam. E como essa diminuição ou desrealização pode ser traduzida em uma atenuação da força ou em uma inversão da orientação argumentativa, a teoria dos MD permite explicar o que os opõe: enquanto que *pouco* é um MD inversor (i.e., ele inverte a orientação do sintagma XY no qual ele é introduzido), *um pouco* é um MD atenuador (i.e., ainda que o atenua, ele permite conservar a mesma orientação). Em outras palavras, se os sintagmas *Ele trabalhou* e *Ele trabalhou um pouco* autorizam, com maior ou menor força, o mesmo tipo de conclusões (cf. (6) e (7)), o sintagma *Ele trabalhou pouco* orienta para conclusões contrárias, e isso na medida em que *pouco* inverte a orientação argumentativa intrínseca do verbo *trabalhar* (cf. (8)):

6. *Hoje, João trabalhou. Ele está cansado.*

7. *Hoje, João trabalhou um pouco. Ele está um pouco cansado.*

8. *Hoje, João trabalhou pouco. Ele não está cansado.*

Mas se há dois tipos de desrealização, há apenas um tipo, no que concerne à realização. Os MR sempre aumentam a aplicação do predicado que eles modificam, qualquer que seja a sua função sintática.

9. *A melhora da situação foi rápida.*

10. *Houve uma rápida melhora da situação.*

No tocante ao MR, na relação com a *melhora*, *rápido* não é sensível à oposição atributo/epíteto, quanto à orientação. Ele funciona sempre como um reforçador, de modo que uma conclusão do tipo *isso me tranquiliza* pode ser também derivada tanto de (9) quanto de (10).

11. *A melhora da situação foi rápida. Isso me tranquiliza.*

12. *Houve uma rápida melhora da situação. Isso me tranquiliza.*

## 2.1. Critérios para MD e MR

Ducrot (1995) propõe diversos critérios para descobrir os MD e os MR, ou antes disso os pares XY, onde Y é um MD ou um MR em relação a X. O primeiro deles permite verificar os MD e se refere à possibilidade de enunciar X, *mas XY* “ sem que haja uma razão argumentativa precisa para opor X a XY”.

13. *Houve uma melhora, mas ela foi lenta.*

14. *Pedro é um parente, mas (um parente) distante.*

Se, ao contrário, é necessário imaginar um movimento discursivo complexo para poder interpretar o encadeamento argumentativo com *mas*, Y será dito MR em relação a X. Esse primeiro critério permite confirmar o valor desrealizante de *lento* em face a *melhora*, e nos leva a considerar, por exemplo, que em relação ao predicado *parente*, é *distante* e não *próximo* que é um MD.

15. # *Houve uma melhora, mas ela foi rápida.*

16. # *Pedro é um parente, mas (um parente) próximo.*

Assinalamos aqui que o símbolo #, que precede (15) e (16), não indica agramaticalidade. Ele assinala simplesmente que a interpretação do enunciado ao qual ele é atribuído, exige imaginar uma argumentação

em favor de uma terceira proposição. Como se pode constatar, para poder interpretar um encadeamento como (17), não basta conhecer a significação da palavra *parente*:

17. *Não, Pedro é um parente, mas um parente próximo. Ele não nos dará essa informação.*

Dito de outro modo, a enunciação de (17) implica algo diferente de saber que Pedro é um parente próximo. Segundo Ducrot (1995, p. 3):

É necessário, por exemplo, que, a fim de informar-se sobre alguém, que se queira encontrar um parente distante dessa pessoa, e nós o mostramos, [...], que Pedro não é a pessoa adequada: se ele satisfaz totalmente a condição de ser um parente dessa pessoa, é muito próximo para dar, sem desconfiança, as informações que nós gostaríamos de extorquir dele.

O segundo critério permite descobrir os MR com relação a um predicado, e se refere à possibilidade de enunciar, sem uma intenção argumentativa particular, uma frase *X*, e até *XY*. Fundamentando-se sobre esse segundo critério, atribuiremos a *rápido* e a *próximo* um caráter realizante com relação a *melhora* e a *parente*, respectivamente.

18. *Houve uma melhora. E até (uma melhora) rápida.*

19. *Pedro é um parente. E até (um parente) próximo.*

20.# *Houve uma melhora. E até (uma melhora) lenta.*

21.# *Pedro é um parente. E até (um parente) distante.*

Assim, diferentemente da estrutura *X*, mas *Y*, onde *Y* é um MD

22. *O boxeador B perdeu, mas por pouco.*

que pode ser enunciado não importa em qual contexto – porque a oposição do predicado *X* e do MD *Y* é independente de toda conclusão precisa – aquela do tipo *X mas Y*, onde *Y* é um MR e exige necessariamente “uma situação argumentativa complexa que não se reduz a indicações contidas nas palavras” (Ducrot, 1995, p. 12). É, dentre outros, o caso do encadeamento que segue:

23. #O boxeador B perdeu, mas claramente.

Com efeito, para compreender esse tipo de encadeamento em que *mas* opõe dois acontecimentos sem ligação linguística intrínseca entre eles (Anscombe, 1990), é necessário imaginar uma argumentação em favor de uma terceira proposição face a X (aqui, *perder*) e ao MR (aqui, *claramente*) que podem se transformar em argumentos antagonistas. Seria o caso, por exemplo, no âmbito de um combate arranjado em que fosse necessário que o boxeador perdesse, mas não claramente, para que não haja suspeita de trapaça e que a luta não seja cancelada. Ou ainda, se a enunciação de (23) é utilizada para dissuadir o interlocutor que, gabando-se de suas qualidades como treinador de boxeadores, afirma que ele poderia fazer de B um boxeador muito bom. Satisfazendo a condição de ser um boxeador medíocre (*ele perdeu*), B não pode concordar, porque ele é muito ruim (*ele perdeu claramente*) para um dia poder tornar-se um bom boxeador, mesmo com os melhores treinadores.

Porém, se um contexto desse tipo não for acessível, o segmento *ele perdeu, mas claramente* é difícil de interpretar, a orientação do MR *claramente* não se opõe, de forma alguma, à argumentatividade inerente ao verbo *perder*. Bem ao contrário, enquanto tal, esse MR aumenta o grau de aplicação do predicado, a força com a qual aplicamos os *topoi* constituem sua significação. O mesmo poderia ser dito de outros tantos modificadores do tipo realizante, tal como de modo *esmagador* em relação ao predicado *perder*, de *terrível* em relação a *drama*, de muito, muito *calma* em relação a *águas calmas*, ou de *próximo*, *próximo*, em relação a *parente*. No entanto, diferentemente de (23), os fragmentos de discurso que seguem e que contêm precisamente esses modificadores precedidos de um *mas*, são imediatamente interpretáveis sem que seja necessário o recurso a uma situação contextual particular e complexa, do ponto de vista argumentativo.

24. *Eles perderam, mas de maneira esmagadora.*

25. *É um drama, mas terrível, hein?*

26. *O lago: dois hectares de águas calmas, mas, por isso, de fato muito calmas!*

27. *Pedro é um parente, mas próximo, próximo!*

Segundo a descrição argumentativa habitual de *mas*, ela própria marca sempre a anti-orientação de dois segmentos que ela une. Ou, nesses exemplos, não somente os dois exemplos são co-orientados, mas o segundo reforça a orientação argumentativa do primeiro. Para explicar a possibilidade de enunciados do tipo de (24) a (27), eu introduzi uma terceira classe de modificadores, que chamei “modificadores sobrerrealizantes” (García Negroni, 1995, 2003).

## 2.2. Uma terceira classe de modificadores: os modificadores sobrerrealizantes

Tal como os MR, os MS reforçam a aplicação do predicado X sobre o qual eles são aplicados, (cf. a possibilidade de enunciar uma frase X e até X MS, como o evidenciam (28) - (31),

- 28. *Eles perderam, e até, inclusive, de maneira esmagadora.*
- 29. *Isso é um drama, e até, inclusive, (um drama) terrível.*
- 30. *Dois hectares de águas calmas, e até, inclusive, muito calmas.*
- 31. *Pedro é um parente, e até, inclusive, (um parente) próximo, próximo!*

mas eles se distinguem delas pelo fato de que é possível enunciar uma frase X, *mas MS*, sem ter que investigar uma intenção argumentativa distante para poder interpretá-la (cf. a possibilidade de (24)-(27), acima).

Essas duas propriedades que distinguem tanto os MS, quanto os MR e os MD, devem religar-se a uma terceira: a enunciação de adjetivos ou advérbios sobrerrealizantes é sempre vista acompanhada de uma acentuação de intensidade ou de proeminência. Esse aspecto prosódico específico não deixa de ter importância, pois ele constitui a marca da subjetividade do locutor que se exclama a propósito do grau extremo que alcança na situação em questão. Esse grau extremo pode ser designado também intrinsecamente (i.e., no próprio semantismo do modificador, como é o caso do advérbio *maneira esmagadora*, do adjetivo *terrível*, da forma superlativa *verdadeiramente muito calmas*, ou da reiteração *próximo, próximo*), que extrinsecamente, pela presença de certos traços prosódicos (acento de intensidade, pausas, etc.) ou gestuais (movimentos das mãos ou do rosto) que, de modo característico, acompanham a enunciação do MS. Assim, constatamos que o enunciado (23) se torna totalmente aceitável (i. e., interpretável,

sem que seja necessário imaginar um movimento discursivo complexo, do ponto de vista argumentativo) se

- a) o modificador é precedido de uma pequena pausa;
- b) o modificador é ressaltado por um acento de intensidade.

Com efeito, acompanhado desses traços prosódicos que fazem de *claramente* um MS (cuja notação está em maiúsculas), a ocorrência de *mas* entre o predicado *perder* e o modificador *claramente*, em (32), não põe mais problemas de interpretação:

32. O boxeador B perdeu, mas CLARAMENTE, hein?

### 3. Os internalizadores

No quadro da Teoria dos Blocos Semânticos (doravante TBS), a noção de modificador é retomada com retificações e reinterpretações. De fato, se aplicados a uma palavra lexical X, os MD e os MR permitem modificar (*i. e.*, reforçar ou contradizer) as argumentações normativas (*i. e.*, em *portanto*) que têm como ponto de partida o predicado X, os modificadores são caracterizados, no quadro da TBS, como um tipo de operador que se limita a reorganizar os aspectos que constituem a argumentação interna (AI) de X, combinando-os de um novo modo, com os conectores e a negação. Eis a definição proposta por Ducrot (2002, p. 4-5):

Uma palavra-ferramenta Y é dita “modificador” em relação a uma palavra X, se a AI do sintagma XY for feito apenas com os termos plenos contidos na AI da palavra X: portanto, Y não introduz nenhum novo termo pleno nos aspectos que constituem a IA de X: ele se contenta em reorganizá-los combinando-os de uma nova maneira nova, com os conectores e a negação.

Consideremos, a título de exemplo, o caso do adjetivo *fácil* que era analisado como MD em face da palavra *problema*. Para a TBS, o adjetivo *fácil* constitui um modificador na medida em que ele atribui a XY (*problema fácil*) uma AI conversa daquela de X (*problema*). Com efeito, se *problema* pode ser parafraseado por “questão que pode não ser compreendida, ainda que alguém se esforce sobre ela”, ou seja, se em sua AI colocarmos o seguinte aspecto:

## ESFORÇO PT NEG-COMPREENSÃO

o sintagma *problema fácil* terá por AI o seguinte aspecto, converso do anterior (se nós nos esforçamos, nós compreendemos):

## ESFORÇO DC COMPREENSÃO

Mas a TBS prevê um segundo tipo de operador que Carel e Ducrot isolam sob o termo “internalizador”. Esse segundo tipo de palavra ferramenta permite introduzir a argumentação externa (doravante AE) de X no interior da AI de XY. Em outros termos, os internalizadores

Garantiriam, assim, um tipo de passagem entre a AE e a AI, o que permitiria observar uma certa relação entre os dois modos de argumentação, sempre respeitando sua dualidade (Ducrot, 2005, 2002, p. 5).

Em relação à caracterização das AE, lembraremos que, se um aspecto em *portanto* (abreviado por DC) pertence à AE de uma expressão X, o aspecto converso em *no entanto* (abreviado por PT) também lhe pertence. Mas como esses dois aspectos não podem se encontrar simultaneamente na AI de uma mesma entidade, a internalização da AE de X na AI de XY deve operar uma seleção. Dito de outro modo, o internalizador tomará seja o aspecto em DC, seja o aspecto em PT, da AE de X. E é por isso que a TBS reconhece dois tipos de internalizadores: os internalizadores transgressivos, que conservam somente o aspecto em PT, e os internalizadores normativos, que conservam somente o aspecto em DC.

### 3.1. Os internalizadores transgressivos

Um internalizador Y é dito transgressivo se ele coloca a AE em PT de X, no interior do sintagma XY. A título de exemplo, consideremos o caso do operador *em vão*, no sintagma *procurar em vão*. Segundo a TBS, a AE de *procurar* contém os dois aspectos seguintes:

AE de *procurar*:

PROCURAR DC ENCONTRAR  
PROCURAR PT NEG-ENCONTRAR

Esses dois aspectos permitem, na verdade, dar conta da relação que existe entre *procurar* e *encontrar*, porque mesmo se há casos de procura em que nada se encontra (cf. (33)), é sempre uma questão de encontrar cada vez que falamos em procurar.

33. Eu procurei em vão.

Mas há mais: a expressão adverbial *em vão* constitui um internalizador transgressivo na medida em que a AI do sintagma XY (*procurar em vão*) é constituída pela AE transgressiva de X (*procurar*).

AI de *procurar em vão*:

PROCURAR PT NEG-ENCONTRAR

A análise das relações entre *procurar* e *em vão*, bem como da expressão *em vão*, como internalizador transgressivo, pode ser entendida pela categoria dos verbos de ação (por exemplo, *olhar*, *estudar*, *bater na porta*, *telefonar* etc.). De fato, na medida em que os verbos de ação (A) indicam uma atividade orientada através da obtenção de um resultado (R), sem implicar que esse resultado seja obtido, a TBS acomoda, na sua AE, os dois aspectos:

AE de A (*verbo de ação*)

A DC R

A PT NEG R

No que concerne aos operadores do tipo *inutilmente*, *em vão*, ou *sem sucesso*, sua combinação com esse tipo de verbos em um sintagma AY, sempre implica a internalização da AE em PT de A.

AI de A (*verbo de ação*) + *inutilmente* / *em vão* / *sem sucesso*:

A PT NEG R

Assim, por exemplo, no caso de *bater à porta em vão*, a presença do internalizador *em vão* tomará o aspecto transgressivo da AE de *bater à porta*.

AE de *bater à porta*:

BATER À PORTA DC SER INTRODUCIDO  
BATER À PORTA PT NEG SER INTRODUCIDO

AI do sintagma *bater à porta em vão*:

BATER À PORTA PT NEG SER INTRODUCIDO

No exemplo que precede, sempre houve a questão de uma internalização transgressiva à direita, no sentido em que os aspectos da AE sobre os quais opera a internalização são aqueles nos quais o primeiro segmento é a palavra estudada, o segundo sendo a continuação à direita. Mas há também os internalizadores transgressivos à esquerda: entre dois aspectos transpostos, um transgressivo e outro normativo, contidos na AE de uma palavra, na qual essa palavra é o segundo segmento, eles conservam apenas o aspecto transgressivo. Este é o caso, por exemplo, da expressão *sem motivo*, aplicada ao verbo *se apressar*. Com efeito, se os dois aspectos transpostos seguintes constituem a AE à esquerda de *se apressar*

AE de *se apressar*:

ESTAR APRESSADO DC SE APRESSAR  
NEG ESTAR APRESSADO PT SE APRESSAR

a AI do sintagma *se apressar sem motivo*, em que *sem motivo* funciona como um internalizador transgressivo à esquerda de *se apressar*, contém somente o aspecto transgressivo da AE à esquerda do verbo.

AI de *se apressar sem motivo*:

NEG ESTAR APRESSADO PT SE APRESSAR

Essa AI permite dar conta do fato de que a expressão *se apressar sem motivo* pode ser parafraseada por “se apressar quando nada é urgente”.

De modo análogo, a palavra *amarelo* constitui um internalizador transgressivo do substantivo *sorriso*, pois a AI de *sorriso amarelo* (*rire jaune*) está constituída pelo aspecto transgressivo à esquerda da AE de *sorriso*.

AE à esquerda de *sorriso*:

ESTAR CONTENTE DC DAR UM SORRISO  
NEG ESTAR CONTENTE PT DAR UM SORRISO

AI de sorriso *amarelo*:

NEG ESTAR CONTENTE PT DAR UM SORRISO

### 3.2. Os internalizadores normativos

Do mesmo modo que os internalizadores transgressivos, os normativos retêm apenas um aspecto da AE do termo ao qual se juntam, mas diferentemente dos transgressivos, é o aspecto em DC que é conservado pelos internalizadores normativos. Por essa razão nós os chamamos de “matadores de *no entanto*”.

Como primeiro exemplo de internalizador normativo, Ducrot (2002) propõe aquele do adjetivo *verdadeira* quando o aplicamos ao substantivo *princesa*. Na verdade, tal como destaca o autor, uma *verdadeira princesa* é aquela que tem todos os atributos que caracterizam o fato de ser princesa, e nenhum daqueles que se poderiam ter apesar do fato de ser princesa.

AE de *princesa*

PRINCESA DC XXXX  
PRINCESA PT NEG XXXX

AI de *verdadeira princesa*

PRINCESA DC XXXX

De modo semelhante, os modificadores sobrerrealizantes poderiam ser analisados como internalizadores normativos, no sentido que, aplicados a substantivos ou a verbos, eles conservam apenas o aspecto normativo de sua AE, destruindo o aspecto em PT. Por exemplo, podemos considerar o caso de *maneira esmagadora* diante do verbo *perder*.

AE de *perder*:

PERDER DC GRAVE / EMBARAÇOSO  
PERDER PT NEG GRAVE / NEG EMBARAÇOSO

AI de *perder de maneira esmagadora*:

PERDER DC GRAVE / EMBARAÇOSO

Ducrot (2002) destaca, finalmente, a existência de internalizadores normativos lexicais. O autor propõe o caso dos verbos “resultativos” aos quais ele define da seguinte maneira:

como na combinação de um verbo de ação, no sentido definido anteriormente, com um internalizador normativo, que permanece implícito em francês, mas que está explícito em algumas línguas, como o alemão, por exemplo, em seu prefixo –er, o como no russo, em sua conjugação perfectiva (Ducrot, 2002, p. 11-12).

Assim, por exemplo, a significação do verbo resultativo *refutar* pode ser descrita como o resultado da operação de um internalizador normativo implícito sobre o verbo de ação *criticar*. Com efeito, se na AE de *criticar* incluímos os dois aspectos conversos seguintes:

AE de *criticar*:

CRITICAR DC DESTRUIR  
CRITICAR PT NEG DESTRUIR

Ducrot propõe que a junção de um internalizador normativo implícito dará como resultado um novo morfema, *refutar*, cuja AI contém apenas o aspecto normativo da AE de *criticar*.

AI de *refutar*

CRITICAR DC DESTRUIR

**Tradução: Jocenilson Ribeiro e Julio Cesar Machado**

## **Bibliografias**

ANSCOMBRE, J.-C. Topique or not topique. Formes topiques intrinsèques et formes topiques extrinsèques. *Journal of Pragmatics*, 24 (1/2), 1990, p.115-141.

- ANSCOMBRE, J.-C. *Théorie des Topoi*, Paris, Kimé, 1995.
- ANSCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. Liège: Mardaga, 1983.
- CAREL, M. *Argumentation interne et argumentation externe au lexique : des propriétés différentes*. *Langages*, 142, 2001, p.10-21.
- CAREL, M. « *Argumentation interne aux énoncés* », *Revue de sémantique et pragmatique*, 11, 2002, p.101-119.
- CAREL, M. *L'entrelacement argumentatif*. *Lexique, discours, blocs sémantiques*. Paris: Champion, 2011.
- CAREL, M.; DUCROT, O. *La semántica argumentativa. Una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- DUCROT, O. *Les modificateurs déréalisants* », *Journal of pragmatics* 24 (1/2), 1995, p.145-165. Disponible dans <https://f.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/4552/files/2018/10/Ducrot-deire1alisants95.pdf>
- DUCROT, O. *Les internalisateurs* », dans Andersen et Nolke (éds) *Macrosyntaxe et macro-sémantique*. Berne: Peter Lang, 2002, 301-323. Disponible dans <https://semanticar.hypotheses.org/files/2018/09/Ducrot-2002-LesInternalisateurs.pdf>
- GARCÍA NEGRONI, M. M. *Scalarité et réinterprétation : les modificateurs surréalisants*. In: ANSCOMBRE, J.C. (éd.). **Théorie des Topoi**. Paris: Kimé, 1995, p.101-144.
- GARCÍA NEGRONI, M. M. *Gradualité et réinterprétation*, Paris, L'Harmattan, 2003.